

Fundação de Caldas

João Glz. Dias Sobreira

Corria em meio o ano de 1869, quando chegou à cidade da Barbalha o missionário evangélico Pe. Dr. José Antônio de Maria Ibiapina.

Feitos os preparativos do costume (uma grande latada coberta de ramos verdes, a fim de se abrigarem os fiéis na frente da igreja matriz, para ouvirem a palavra autorizada do ministro cristão), começou o inclito missionário as suas prédicas.

Alguns dias depois, apresentou-se ao virtuoso levita uma pobre velha, que sofria de incurável moléstia exterior, havia longos anos, e era de todos muito conhecida. Chegando-se ao padre, disse, cheia de confiança:

— Meu padre, eu sou uma pobre velha doente e nada pos-suo... Venho pedir um remédio para me curar. Atendei-me por vossa bondade, pelo amor de Deus.

O padre, tomando parte em sua dor, lhe respondeu:

— Que posso eu fazer? Sou tão pobre quanto vós, minha filha. Não sou médico; nada tenho; só curo almas.

Sem o deixar continuar, a velha paralítica exclama:

— Será possível que eu morra entre cristãos, entre filhos de Deus, sem encontrar um que me possa fazer a esmola de me curar?! Ah! meu padre, atendei-me por caridade, ensinaí-me um remédio.

O bom padre, como que para ver-se livre de tamanha impertinência, disse-lhe:

— Tomai banhos cálidos.

Tanto bastou. A boa velha tomou ao pé da letra, como se costuma dizer. A sua ignorância fê-la compreender que o nosso missionário lhe tinha mandado tomar banhos no Caldas.

E, certa disso, voltou à sua choupana, convencidíssima, pedindo a um seu parente que a conduzisse até aquela fonte, donde voltaria com a sua saúde restabelecida, pois assim lhe tinha garantido o Padre Santo.

À vista disto, foi ela, com efeito, transportada ao Caldas, que dista três leguas a sudéste daquela cidade, no sopé da serra do Araripe.

Longa e demoradíssima a jornada. Ali chegando, demorou-se por espaço de três dias, durante os quais se banhava de momento a momento.

No fim do terceiro dia, estava completamente restabelecida. Então, voltou aos seus lares, louvando e bendizendo ao Senhor, e publicando suas maravilhas por toda parte.

A sua moléstia era por todos conhecida, e assim não havia dúvida de que fora um prodígio assombroso.

Chegando à Barbalha, foi ter imediatamente com o padre e disse-lhe:

— Meu santo padre, voltei sã e curada. Eu sou aquela mesma velha a quem vós ensinastes o remédio dos banhos do Caldas, com que me curei. Louvado seja Deus, que me restituiu a saúde!

Todos aqueles que conheciam a velha ficaram maravilhados desse tão grande prodígio, e a notícia dele se estendeu rapidamente aos quatro ângulos da cidade, de todo o Cariri, do Ceará, do Brasil,

Desde logo começaram as romarias: uns por moléstia, outros por curiosidade, outros arrastados por influência de amigos. E como a velha se nava curado ali em três dias, todos a imitavam.

O próprio Ibiapina visitou essa fonte mais de uma vez, e ali se reuniu, em brevíssimo espaço de tempo, imensa multidão, de todas as classes sociais.

Imagine-se com que pasmo não recebeu o padre-mestre aquela mulher de sua torna-viagem, narrando semelhantes assombroso fato, que ele próprio tomou por fantástico, tanto mais quanto não conhecia a fonte de que lhe falava a indigente, nem se recordava de a ter mandado à parte alguma, em busca de remédio.

O Caldas, como já vimos, dista três leguas da cidade da Barbalha. É daí que nasce o rio Salamanca, que banha a sobredita cidade. É um afluente do Salgado.

Antes de chegar-se à fonte, encontram-se diversas choupanas, engenhos ou máquinas de moer canas para açúcar, aguardente, etc., diversas habitações de proprietários e seus agregados, grandes lavouras de diversos gêneros.

Uns três quilômetros antes de chegar à fonte, começa a estender-se uma espessa floresta. É um bosque encantador. Quantidade extraordinária de palmeiras, que dão os frutos oleosos aos pobres, a par de inumerável quantidade de trepadeiras, que se entrelaçam, formando, assim, imensa latada natural.

Da última casa em que moram os donos daquelas situações até a fonte, não havia caminho. Apenas uma estreita vereda indicava a sua direção.

Até então, esse lugar desconhecido não passava de uma fonte, cujas aguas serviam para irrigação das lavouras próximas.

As pessoas que a visitavam passavam ali três dias, como fizera a sua descobridora, e, como não havia casas onde os peregrinos se alojassem, fabricavam de palhas de palmeiras pequenas choupanas, onde passavam aqueles três dias, no fim dos quais as deixavam, servindo imediatamente de pouso a outras famílias. Como era grande a concorrência de romeiros, grande era também a multiplicidade de choupanas, que se levantavam como por encanto no meio da mata, de sorte que, no fim de algumas semanas, se via crescido número de habitações, em forma de rua.

Um prodígio.

Os romeiros lembraram-se de edificar uma pequena casa de orações ao pé da fonte, e dedicaram-na ao Bom Jesús dos Pecadores. Iam ali todos prosternar-se aos pés do Salvador do mundo, implorar seu valimento, e seguiam depois para o banho.

Os prodígios começaram a multiplicar-se de dia a dia. A notícia tomava vulto e se espalhava por toda parte. Os habitantes dos sertões vizinhos dirigiam-se por seu turno a ver as maravilhas que o Criador estava obrando em seu favor. Todos os que tinham alguma moléstia, para ali se dirigiam, e grande número voltava restabelecido.

Lá estive, e com os meus próprios olhos testemunhei fatos maravilhosos, quase milagres.

Os aleijados, de moletas, ali as deixavam, voltando a pé firme. O número de moletas deixadas tem sido em tamanha quantidade, que de tempos a tempos é preciso destruí-las a fogo.

Aumentavam as choupanas, e era tal o comércio, que nada faltava.

Agora, já não servia a pequena casa de orações; era necessária uma capela, que foi edificada sobre um montículo ao poente da fonte e da casa de orações, com a primitiva invocação.

Pela pressa, a capelinha foi edificada, não de tijolo e telha, mas de madeira e barro, e coberta de palhas de palmeiras, — verdadeira choupana.

Ao lado da capelinha, havia uma palhoça, em que se alojavam duas ou três famílias.

Uma noite, por acaso, o fogo devorou em poucos instantes a palhoça.

É de notar que as palhas da capela e da palhoça se entrelaçavam, e, a pesar do fogo que cobria a capela, não lhe queimava as palhas; apenas, tostava-as.

Um outro fato, não menos importante.

Ao pé da fonte encontrou-se uma pedra, que tinha, mais ou menos, quatro palmos quadrados, e no meio da qual se descortina a figura de um coração, desenhado a traços coloridos, naturais.

Foi um alvoroço essa descoberta. Concorria para ali o povo em verdadeiras ondas, e por fim o cidadão Pedro Lobo, de Barbalha, conduziu-a para sua casa, onde eu a vi e examinei. É um cidadão respeitabilíssimo e da principal família daqueles Carirís.

Essa fonte tomou o nome de **Caldas** por serem sempre tépidas as suas aguas. São tão claras, que se vê no fundo do poço qualquer coisa. Não dessedenta, mas é agradável ao paladar.

Vem do tronco da serra, por baixo de grande pedra, tendo de profundidade cerca de sessenta centímetros, assentado num fundo de areia grossa, sempre a movimentar-se. A largura é de pouco mais de um metro.

Desfeita a mata, foi preciso tratar de acomodações para os banhos, e assim se fez uma muralhazinha coberta de telha, que serve de banheiro, cujo rédito pertence à capela.

Fundada a povoação, um ano depois criou-se ali uma cadeira de instrução primária. (1)

(Fortaleza, 18/5/1891.)

(1) Lei provincial n.º 1.330, de 10 de Outubro de 1870, criou distrito de paz na povoação de Caldas.
